



"Não buscávamos apenas uma mulher para compor a chapa, mas sim alguém preparada para governar. Maria Helena tem compromisso, coragem, experiência e história no MDB, além de quatro vitórias eleitorais, conhecer todo o estado e atuar firmemente em defesa das mulheres. Minhas raízes estão em Belo Horizonte, as dela em Montes Claros; juntos, uniremos as Minas e os Gerais". _ Gabriel Azevedo, candidato ao Governo de Minas pelo MDB.

NORTICIANDO

ARTHUR AMORIM JUNIOR
arthuramorimjr@gmail.com



ELEIÇÃO 2026

MDB DEFINE: MARIA HELENA VICE DE GABRIEL



O NORTE de Minas ganha espaço de destaque na corrida ao Palácio da Liberdade: a vereadora montes-clarenses Maria Helena Lopes (MDB) foi confirmada, nesta quarta-feira (05/08), como candidata a vice-governadora na chapa liderada por Gabriel Azevedo, também do MDB. O anúncio oficial foi feito pelo próprio pré-candidato na manhã desta quarta-feira (05/08). A escolha não foi aleatória: contou com o aval de nomes de peso do partido na região, entre eles o deputado Arlen Santiago e o presidente da Assembleia Legislativa de Minas Gerais, Tadeu Martins Leite. A proposta emedebista é unir as Minas e os Gerais, com Gabriel, de Belo Horizonte, e Maria Helena, de Montes Claros.

AÉCIO FORA DO PÁREO



ENFIM, ACABOU o suspense. O ex-governador, ex-senador e, daqui a alguns meses, ex-deputado federal Aécio Neves (PSDB) jogou a toalha e anunciou sua saída da corrida eleitoral deste ano. Pelas redes sociais, disse que pretende ajudar o partido a se fortalecer para as próximas eleições. A decisão chama atenção porque Aécio aparecia bem nas pesquisas, ora em primeiro, ora em segundo lugar.

Agora, o tucanato mineiro precisa escolher o rumo. O PSDB está perto de apoiar Alexandre Kalil (PDT), mas as últimas articulações podem levar os tucanos para a chapa de reeleição de Mateus Simões (PSD). Aécio sai do páreo, mas seu apoio continua valendo ouro no balcão eleitoral.

FUTURO DE ARO

OUTRO SUSPENSE próximo ao fim envolve o ex-secretário de governo do ex-governador Romeu Zema, Marcelo, do PP. Em menos de 24 horas, o eleitorado mineiro saberá se ele participará da disputa ao governo estadual ou ao Senado. Rumores que chegaram nas ondas Norticianas de plantão dão conta de que a federação PRD-Solidariedade já acertou: se ele for ao governo, o bloco vai junto. Até pouco tempo atrás, o acordo valia apenas para a Câmara Alta. O que mudou tudo foi a saída de Cleitinho Azevedo da corrida, reabrindo as articulações. A decisão sai amanhã, ou nesta quarta-feira (05/08), em edição extraordinária.



FALCÃO NO VÁCUO

COM A saída do senador Cleitinho (Republicanos) da corrida ao Palácio da Liberdade, quem ficou no vácuo foi o ex-presidente da AMM, Luiz Eduardo Falcão, ex-prefeito de Patos de Minas. A ausência do seu nome na ata da convenção do Republicanos resume uma história de entrega que ficou sem destino. Primeiro prefeito reeleito da história de Patos de Minas e depois presidente da AMM, ele deixou cargos, prestígio e uma trajetória consolidada para embarcar na candidatura de Cleitinho Azevedo. Ficou ao lado do senador em todos os momentos de indecisão, inclusive naquele anúncio emocionado de insistir na disputa, dias após o próprio partido já ter dado sinais contrários. Hoje, com a desistência de Cleitinho, nem sequer é citado oficialmente. É a face mais humana da política: quando a indecisão alheia faz com que quem apostou tudo perca o chão de uma hora para outra.



DESISTIR ANTES DA LUTA

O CENÁRIO político de 2026, nas Minas Gerais, está deixando os eleitores sem entender algumas decisões de candidatas e partidos. A saída do senador Cleitinho Azevedo (Republicanos) e do deputado federal Aécio Neves (PSDB), ambos com ampla vantagem nas pesquisas, jogou água fria na disputa antes mesmo de a luta começar. O sofrimento pessoal de Cleitinho é respeitável, mas abandonar a disputa quando a vitória estava ao alcance levanta uma questão incômoda: faltou disposição, projeto ou coragem para assumir o comando de

Minas? Já a desistência de Aécio em nome do partido coloca interesses partidários acima da confiança dada pelos eleitores. Até onde deve ir a fidelidade à legenda quando ela bate de frente com a vontade popular? A popularidade não é patrimônio particular: quem aceita ser candidato firma compromisso com o povo. Recuar quando o desafio cresce é deixar os mineiros à deriva, justamente quando Minas mais precisa de candidatos dispostos a entrar no jogo, e não sair dele antes do apito inicial.

